

**KENJI
MIYAZAWA**

**NOITE NO
CAMINHO
DE FERRO DA
VIA LÁCTEA**

*Introdução, posfácio,
tradução do japonês e notas por*
António Barrento

Revisão literária
Virgílio Tenreiro Viseu



Índice

<i>Sobre o autor</i>	7
--------------------------------	---

NOITE NO CAMINHO-DE-FERRO DA VIA LÁCTEA

1 A Aula da Tarde	19
2 A Gráfica	25
3 A Casa	29
4 A Noite da Festividade do Centauro	35
5 O Pilar da Roda do Tempo.	43
6 A Estação da Via Láctea.	47
7 O Cruzeiro do Norte e a Costa do Plioceno	55
8 O Apanhador de Pássaros	65
9 O Bilhete de Giovanni	75

A BIOGRAFIA DE GUSUKÕ BUDORI

1 A Floresta	125
2 A Fábrica de Fios de Seda	133

KENJI MIYAZAWA

3	Os Campos Alagados	143
4	O Grande Doutor Kūbō	157
5	O Departamento Vulcânico de Ihatov	165
6	O Vulcão Sanmutori	171
7	Um Mar de Nuvens	181
8	Outono	187
9	A Ilha Carbonado	193
	<i>Glossário</i>	199
	<i>Notas finais</i>	201
	<i>Bibliografia</i>	213

A Aula da Tarde

— Então, meninos, sabem o que é na verdade esta coisa branca e vaga que, entre outras coisas, têm dito ser um rio com esta forma ou os vestígios de um fluxo de leite? — perguntou a todos o professor, enquanto apontava para um lugar que parecia a região da Via Láctea⁽¹⁾ e se estendia numa névoa branca de cima a baixo sobre um grande mapa preto de constelações que estava pendurado no quadro.

Campanella⁽²⁾ levantou o braço. Depois disso, outros quatro ou cinco levantaram o braço. Giovanni também fez tenção de levantar o braço, mas logo

(¹) O autor utiliza ao longo do texto duas expressões equivalentes referentes à Via Láctea: uma de origem chinesa, com o significado de «Rio de Prata», e outra especificamente japonesa, com o significado de «Rio Celestial». Em associação com estas designações em japonês, a Via Láctea aparece imaginada, no livro, como um rio.

(²) Nome possivelmente inspirado no do filósofo italiano Tommaso Campanella (1568-1639), autor de *A Cidade do Sol*, livro caracterizado por várias referências astronómicas, nas quais se incluem a atribuição dos nomes dos sete planetas aos sete muros da cidade do Sol descrita na obra e na representação de todas as constelações

desistiu e deixou-se ficar. Eram estrelas, de certeza, tinha lido sobre elas uma vez numa revista. Mas como, por esta altura, Giovanni andava todos os dias como que adormecido, até mesmo na sala de aula, e não tinha nem tempo para ler livros, nem livros para ler, estava de alguma forma com a sensação de não saber bem fosse o que fosse sobre coisa nenhuma.

No entanto, o professor tinha sido rápido a notar o gesto dele:

— Giovanni⁽³⁾, tu deves saber.

Giovanni levantou-se cheio de vigor, mas, ao pôr-se de pé, tornara-se evidente que era incapaz de responder a esta pergunta. Zanelli, à sua frente, virou-se no seu assento, olhou para Giovanni e largou uma pequena gargalhada. Giovanni tinha acabado por se atrapalhar e corar. O professor disse ainda:

— Quando se examina bem a Via Láctea com um grande telescópio, esta, de uma forma geral, o que é que será?

Tal como antes, Giovanni pensou que eram estrelas, mas, mais uma vez, foi incapaz de responder imediatamente.

com os respectivos nomes no interior da cúpula do templo do Sol aí existente.

⁽³⁾ O nome de baptismo de Tommaso Campanella era Giovanni, sendo que adoptou o nome Tommaso ao ingressar na Ordem dos Dominicanos por veneração a São Tomás de Aquino.

Por instantes, o professor pareceu não saber o que fazer, mas dirigiu o olhar na direcção de Campanella e chamou-o pelo nome:

— Então, Campanella?

Nisto, Campanella, que tinha levantado a mão de uma forma tão enérgica, pôs-se afinal de pé de uma forma também hesitante, e assim permaneceu, sem ser capaz de responder.

O professor olhou durante algum tempo fixamente para Campanella, com um ar surpreendido, mas apressou-se a dizer «Então, muito bem!», enquanto apontava para o mapa das estrelas.

— A verdade é que, quando se olha com um telescópio grande e bom para a Via Láctea, esta coisa branca e vaga, já se consegue ver muitas pequenas estrelas. Não é assim, Giovanni?

Giovanni corou e assentiu, baixando a cabeça. No entanto, a determinado momento, os seus olhos já se tinham enchido de lágrimas. *É assim, eu sabia, e de certeza que Campanella também sabia. Isto estava numa revista que, a determinada altura, eu e Campanella tínhamos lido juntos em casa do pai de Campanella, que era Doutor. E isto não tinha ficado por aqui. Ao ler essa revista, Campanella tinha logo trazido um grande livro do gabinete de leitura do pai e tinha-o aberto no sítio onde se falava sobre a Via Láctea. Ficámos os dois um tempo infinito a olhar para lindas fotografias em páginas totalmente negras cheias de pontos brancos. Não era possível que Campanella*

se tivesse esquecido disso. O facto de, no entanto, não ter respondido imediatamente tinha sido por eu, nessa altura, ter muito trabalho, tanto de manhã como de tarde, o que fazia com que, mesmo quando saía da escola, já não brincasse de forma animada com ninguém e não falasse também muito com ele. Campanella sabia disto e tinha pena, e fora por isso que não tinha respondido de propósito. Enquanto pensava tudo isto, Giovanni teve a sensação de que tanto ele próprio como Campanella pareciam uns pobres coitados, sem remédio.

O professor falou novamente:

— Por isso, se pensarmos na Via Láctea como um verdadeiro rio⁽⁴⁾, cada uma destas pequenas estrelas acabará naturalmente por corresponder à areia ou ao cascalho desse rio. Ou ainda, se pensarmos nele como uma grande corrente de leite, ainda mais se parecerá com a Via Láctea. Isto significa que todas essas estrelas corresponderão às gotas de gordura que pairam, finas, no interior do leite. Nesse caso, falando daquilo que corresponderá à água deste rio, esta será uma coisa que transmite a luz com uma certa velocidade e que tem o nome de vácuo. O sol e a terra flutuam no seu interior. Ou seja, a verdade é que também nós

⁽⁴⁾ Esta imagem relaciona-se com o facto de em japonês a Via Láctea ser designada como um rio. Sendo utilizadas, de forma equivalente, as expressões «Rio de Prata» e «Rio Celestial», é esta última que é usada neste caso concreto.

vivemos no interior da água da Via Láctea. Então, se a partir da água da Via Láctea olharmos nas quatro direcções, veremos que as estrelas, quanto mais localizadas em sítios longínquos no fundo da Via Láctea, mais aparecem agrupadas em grande número, e, portanto, menos distintas surgem, formando uma mancha branca, tal e qual como a água, que, quanto mais profunda, mais aparece azul. Olhem para este modelo!

O professor apontou para uma grande lente convexa de dupla face que continha, no seu interior, muitos grãos de areia que brilhavam.

— A forma da Via Láctea é precisamente assim. Pensemos que cada um destes grãos de areia é uma estrela que brilha por si só, da mesma maneira que o nosso sol. Suponhamos que o nosso sol se situa aproximadamente no centro, por aqui, enquanto a terra se encontra logo muito próxima. Tentem imaginar todos que estão de pé, no centro, a observar o interior desta lente a toda a volta. Nesta direcção, como a lente é fina, apenas conseguirão ver um pequeno número de grãos a brilhar, ou seja, de estrelas. Deste lado e daquele, como o vidro é grosso, serão visíveis muitos grãos que brilham, ou seja, muitas estrelas, e as mais distantes aparecerão com uma forma branca e vaga. Esta é, então, a explicação de hoje sobre a Via Láctea. Ficamos assim. Quanto ao tamanho da lente e ainda às diversas estrelas no seu interior, como já está na hora, hei-de falar na próxima aula de ciências. Isto dito, uma

vez que hoje é a Festividade da Via Láctea⁽⁵⁾, vão para a rua e olhem bem para o céu! Bom, ficamos por aqui. Guardem os livros e os cadernos!

Então a sala de aula encheu-se, por algum tempo, com o som do abrir e fechar das tampas das carteiras e do empilhamento dos livros, e, logo depois, todos se puseram de pé, numa posição correcta, e fizeram uma vénia, após o que saíram da sala.

⁽⁵⁾ Uma tradição festiva relacionada com a Via Láctea no Japão é a festividade de Tanabata (literalmente «sétima noite»), também designada como Festividade das Estrelas, com origem na China e celebrada tradicionalmente no sétimo dia do sétimo mês lunar, desde a adopção local do calendário solar gregoriano em 1873, no dia 7 de Julho. Esta tradição festeja o encontro lendário de dois amantes, Orihime e Hikoboshi, associados respectivamente às estrelas Vega e Altair, que a Via Láctea normalmente separa, mas que se conseguem juntar uma noite por ano. Para esse efeito, em algumas versões da história os dois atravessam uma ponte constituída por pegas, que se forma por cima do «Rio Celestial», que é a Via Láctea.